

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

Como os jornais noticiaram já, O Orçamento e o Plano de Actividades da Câmara de Esposende para 1989 foram «chumbados» pela oposição, constituída pelos três vereadores do PSD e um dissidente do CDS, eng.º téc. Pedro Marques, a quem ultimamente os seus apaniguados retiraram a confiança política.

Diz-se no meio esposendense que a oposição é maioritária em relação ao partido que ganhou as últimas eleições para a Autarquia. Não pensa assim o sector oposicionista. Conclama que apenas se verifica uma convergência de atitudes: 3 PSD + Eng.º Pedro Marques (CDS).

Maioria ou convergência, os resultados são os mesmos, ou seja, hoje, na Câmara de Esposende, quem decide é o grupo que foi derrotado nas eleições. Tanto assim é que foi o próprio PSD quem se opôs ao Plano/89 e ditou as regras para a elaboração de um novo que está na forja mas cujo aparecimento só deve deitar lá para os princípios de Março.

À ESPERA DO «TERCEIRO HOMEM»

O que teria levado o PSD a votar contra? Alegaram os seus vereadores que havia má distribuição de verbas e que, pelo menos, uma freguesia tinha sido pouco considerada. Quer-nos parecer que, para além de casos pontuais, o que esteve em jogo foi uma questão de estratégia eleitoral em que os dois partidos se vêm exercitando desde há tempos. Agarrada à questão estratégica, surge também nitidamente definida uma demonstração de força por parte do PSD.

De resto, os dois grupos em confronto vêm-se arranhando (arrannhar é uma palavra branda), vêm-se degladiando acerradamente desde há anos. Até este momento, o partido que sempre venceu foi o CDS. Primeiro, por opção preferencial das freguesias e depois pela acção desenvolvida pelo falecido presidente Losa, que se revelou um grande estratega político.

O embate entre as duas facções tem sido por vezes fragoroso e de tal modo polariza as atenções das pessoas votantes que ser político em Esposende resume-se a pertencer a um destes dois partidos, sem embargo de se reconhecer que a vivência

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

ALBERTO FERREIRA BELO (Alberto Bébé)

Poeta repentista, actor, armeiro, guitarrista, contador de histórias, ferreiro, serralheiro naval, modelador de ferro forjado, tudo elevado a um razoável e até invulgar expoente, segundo testemunhos insuspeitos, isso tudo elevado ao absoluto composto, segundo testemunhos suspeitos (familiares), eis a síntese de um multifacetado fangeiro a quem Carlos Turra chamava «diamante em bruto por lapidar».

Estamos a referir-nos a Alberto Ferreira Belo, mais conhecido pelo Alberto Bébé, nascido em Fão a 2 de Dezembro de 1900 e falecido com 56 anos.

De onde a alcunha de Bébé? Sua mãe ficou muito cedo viúva de Manuel Mata que foi o barbeiro oficial de Fão, com estabelecimento no sítio onde trabalhou o Alvarino, e que morreu com 25 anos apenas.

Deixou aquele filho em tenra idade que se tornou o *At-Jesus* das tias paternas Adelaide e Adélia Mata que lhe queriam muito. Era bonitinho, tinha caracóis loiros, pontificava nas procissões, era o «rico menino das títias», o seu *bébé*, e *bébé* ficou para as pessoas do seu tempo e para os vindouros. A alcunha acompanhou-o à sepultura e por vezes agarrou-se aos seus descendentes, pelo menos a seu filho Mário Belo, também conhecido pelo Mário Bébé.

A expressão acima referida por Carlos Turra permite-nos pensar e deduzir que por vezes certos indivíduos só não se revelaram artistas ou técnicos de renomada fama porque o *habitat* onde medraram não exponeciou os potencialidades múltiplas e inatas com que foram dotados. Já nos referimos neste jornal aos nomes de Manuel Lima e Inácio Turra, pensamos trazer ainda aqui o velho Vlana, outro «sábio» fangeiro e hoje queremos falar de Alberto Belo. Foi também «sábio»? Nem tanto. Sobretudo artista com a agravante de não saber ler nem escrever. De qualquer modo Ernestino Turra e o dr. Alceu emprestavam-lhe muitos livros. Como era então? Punha os seus dois filhos mais velhos, o Mário e a Maria, a ler-lhe esses livros à noite, à luz do petróleo, até que a torcida se finasse ou um ataque de tosse mais intensa (sofria de bronquite asmática) pusesse termo à audição. e assim os seus muitos amigos afiançam-nos que aquele homem analfabeto era de certo modo letrado. Não dava um pontapé na gramática, empregava termos precisos e às vezes caros e permitia-se até corrigir certos «desvios» dos seus interlocutores.

Nos trabalhos de serralharia que executava descobria fórmulas e fazia cálculos à sua moda que nunca falhavam. Não conhecendo música, confeccionou uma espécie de bandurra, instrumento que se situa entre a viola e a guitarra. As escalas saíam perfeitas e todos os



sons eram conseguidos na sua exactidão plena. Tudo de ouvido, claro.

O Alberto Bébé fez essa bandurra, fez outras guitarras e um certo dia, tendo-lhe chegado às mãos um catálogo de armeiro, resolveu-se a fazer uma arma, o que conseguiu com assinalável êxito. Depois dessa fez muitas mais, tornando-se um armeiro muito procurado pelos adeptos das práticas cinegéticas, tanto do concelho como de terras distantes.

Trabalhou ainda com Antonino Borda na montagem de carros de cavalos, coches, de variados tipos, charrete, victória, landeau, coupé, carros e nomes de raiz francesa. Alberto Belo encarregava-se das ferragens, o Moisés, das rodas e o Antonino, de todos os acabamentos de madeira. A pintura era feita por um artista bracarense que se deslocava propositadamente para o efeito. De Fão chegaram a sair carros para exposições e segundo nos opinou Mário Belo, um desses veículos encontra-se no Museu dos Coches em Lisboa. Convenhamos que todos os participantes na confecção dos mesmos eram artífices de sensibilidade especial e por isso os carros eram verdadeiras obras de arte.

Uma outra especialidade em que se tornou exímio foi a feitura de ferragens para os navios que se fizeram em Fão, tanto na fase do cais (antes da ponte) como na fase do «estaleiro» (além da ponte). Trabalhou com o Linhares, Sinaré, mestre Zé Borda (pai do P.e Borda) e ainda com Francisco «Forciana» a quem acompanhou, por pouco tempo, na sua mudança para Esposende onde mestre Francisco veio a casar.

Há uma peça do mastro, o calcês, que no tempo em que não havia soldas nem a electrogeneo nem a autogéneo, tinha que ser construída de uma peça única. Alberto Bébé con-

(Continua na pá. 2)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

predominantemente rural dos eleitores esposendenses os afasta de um pendor mais esquerdizante.

Enquanto o eng.º Losa foi vivo, liderou a política concelhia. Desaparecido prematuramente em Julho de 1987, vítima de um estúpido acidente na Foz do Douro (Porto), a sua morte provocou, logo a seguir, brechas no seio do seu partido. Colocada em segundo lugar na lista dos candidatos à Câmara, a prof.ª Laurentina Torres assumiu o poder e tornou-se, por isso, malquistada pelos «homens do Presidente» — «homens do Presidente» que acabaram por se afastar ou foram afastados da Câmara.

Quem eram esses homens? O eng.º Pedro Marques, vereador a tempo inteiro, que abandonou essa prerrogativa, o prof. Manuel Nascimento que era adjunto, e Samuel Vieira dos Santos, representante da Câmara junto da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho.

Foram mal afastados? Foram mal saídos? Por que saíram? As respostas são divergentes e, como se compreende, passíveis de uma certa subjectividade. A explicação oficial foi a de que estava a haver **sobreposição**. De qualquer modo, tais afastamentos tiveram os seus custos.

Não há dúvidas que da clivagem agora provocada quem tirou vantagens foi o PSD. Poderá este agrupamento cantar vitória? Convém ter em conta que este impasse vem atrasar, ou atrasou, a vida de Esposende em três meses, para além do marasmo que estas e outras medidas dilatórias têm provocado em todo o concelho.

Nós vimos muitos presidentes de juntas aborrecidos com a situação. Haverá ainda o grande perigo de a Assembleia Municipal não ractificar o documento em gestação, mas é pensável que os políticos locais já se tenham dado conta de que mais vale um «mau plano» do que «nenhum plano»?

Por tudo o que se tem passado é previsível que na altura das eleições uma parte venha gritar à outra: «**Vocês não fizeram nada!**»

Em resposta poder-se-á ouvir: «Não fizemos porque não nos deixaram fazer». É o efeito de «boomerang».

Eleitoralmente, cremos que os dois blocos se terão desgastado — o que poderá dar azo ao aparecimento de um novo personagem anunciado por um terceiro partido. Tal pessoa, se merecer uma certa credibilidade, terá acesso a um lugar decisivo e confortável (7.º) na vereação: basta que os dois grandes metam três vereadores, cada um, para que o tal recém-chegado seja o homem do desempate e portanto o elemento-chave, o poder moderador.

Alberto Ferreira Belo

(Continuado da pág. 1)

seguiu um método próprio para fazer o calçês, método apenas confiado ao seu filho Mário, que quando o revelou a um seu camarada de trabalho em terras de França, levou este a exclamar espantado: «Isto é trabalho de um génio!»

Considerado um *expert* em tecnologia variada, como já vimos, era hábil na guitarra, no verso repentista, no dito chistoso, muito à moda do Miro (Caretta). Uma vez o Marco Reis, que na altura já namorava para a Alzira (filha do Bébé), encontrou-o, a ele e ao velho Bicheza na loja do Leonardo. (Gostava de beber a sua malguinha). Vendo-os munidos de instrumentos, convidou-os para o acompanharem à guitarra e à viola num fado de Artur Ribeiro. Correu tudo à maravilha.

Então o Marcos, eufórico, disse-lhe: «Sr. Alberto, se tivesse aqui um conto de reis, gastava-o já consigo».

Reorque-lhe o Alberto Bébé:

— «Reis, já tu és. Só te falta o conto».

Diseur afamado, reunia e silenciava à sua volta vasto auditório. Uma anedota contada por ele era meia hora de riso. Falava com palavras, com gestos, com mímica, com os olhos, com as mãos e intermeava a marcação com pausas intencionais (umas) e preenchidas de tosse (outras). De tudo se servia para fazer *suspense*. A imitar qualquer som, ruído, ninguém se lhe comparava.

Estará completo o seu retrato? Adianta-nos seu filho: «Meu pai era altruísta, uma pessoa muito humana». E tinha razão. Lembremos o caso que emocionou a freguesia e de certo modo o concelho.

A Celeste Sousa era uma moça capitosa, estuante de vida e de simpatia. Tinha dois filhos de namoro e um terceiro estava para nascer. Corria o ano de 1943. O parto, começado

no dia 11 de Novembro, complicara-se e a doente teve que ser transportada, a expensas da Câmara, para o Hospital de Braga. A criança salvou-se mas a mãe morreu. Que fazer do recém-nascido? Sem pai, nem mãe e com parentes pobres, ninguém se queria responsabilizar. O P.e Sá Pereira, então Presidente da Câmara, bem bateu a várias portas. Ninguém estava disponível. Foi então que Alberto Bébé se agigantou entre os familiares e conterrâneos. Já pai de seis filhos dirigiu-se ao Padre e disse-lhe: «Será o meu sétimo filho».

E tão bem foi tratada a criança, tão bem foi recebida pelos seus pais adoptivos, que ainda hoje é conhecida pelo Né D'Abila (mulher do Alberto Bébé).

Festa do Senhor de Fão

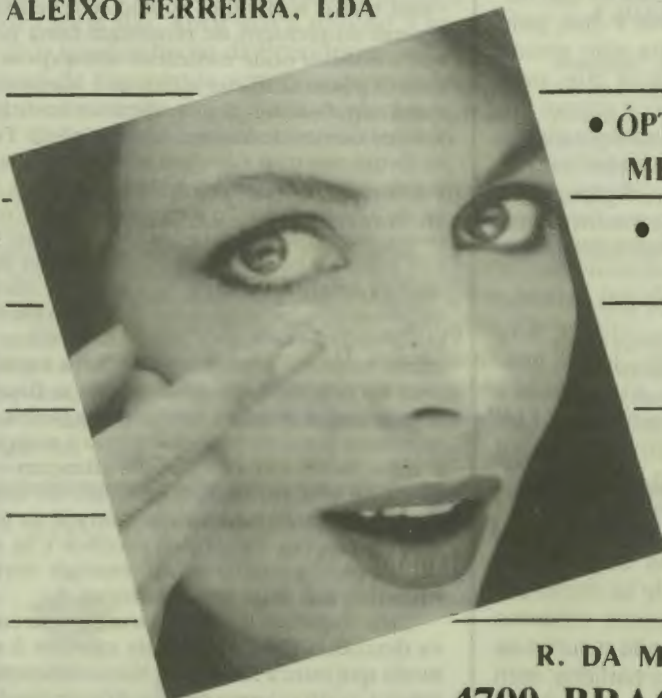
Para as festas o mais difícil é haver comissão. Já há uma. É constituída pelos fangueiros: Óscar Viana, Belmiro Viana, Fernando Mendanha, Marco Aurélio Silva, António P. Ribeiro, José F. Lima, António Eduardo Viana, Delfim S. Passos, Jorge S. Viana, António B. Rodrigues e Artur Pimenta.

Na rectaguarda estão ainda: Luís Viana, António Viana, e José António Faria Gomes.

Quer queiram quer não, os irmãos Viana aparecem na autarquia, no futebol, nas festas. Convenhamos que trabalha pela terra e muito.

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

— Os nossos pontos de vista vão-se alargando, para não «elogiar» sempre a mesma entidade.

— É mau costume nosso elevar ao pedestal da honra os «estrangeiros» menosprezando os feitos dos nossos fangueiros.

— Quer do desporto, quer na vida profissional há fangueiros que se notabilizam e por modéstia ficam no anonimato, outras vezes, por desconhecimento dos colaboradores do «Novo Fangueiro».

— Desta feita, não nos passou despercebida a leitura da Revista Turismohotel Internacional e deparamos com a fotografia e nome no quadro de honra de José Belo. O filho do Mário Belo.



«ELEITO O BARMAN DO ANO DE 1988 JOSÉ BELO (UM FANGUEIRO) GANHA UM PRÊMIO DE PRESTÍGIO NACIONAL DE HOTELARIA E TURISMO»

«Fão, importante centro turístico e hoteleiro do nosso país, pode-se congratular de um conterrâneo seu ligado a este sector, ser galardoado com um prémio de prestígio nacional. Trata-se do Barman José Belo, filho dos nossos concidadãos Aurora e Mário Belo, que através da votação dos leitores da Revista Internacional de Turismo (Turismohotel Internacional), que se distribui por 11 países e é mais importante e lida em Portugal, sobre o sector turístico-hoteleiro, foi eleito o Barman do ano de 1988, conjuntamente com outros contemplados que neste ano se destacaram na elevação dos serviços de hotelaria e do Turismo no nosso país. Assim foram e são premiados anualmente «os Mais», desde Empresários e Promotores Turísticos, Hotéis e directores de Hotéis, Agências de Viagens, Companhias de aviação e Rent-a-Car, restaurantes e Barmen.

José Belo, que ocupa actualmente o cargo de supervisor de Bares do Hotel Vermar/Sopete, na Póvoa, obteve 2.615 votos, à frente de um grande número dos melhores e mais conceituados profissionais desta classe Barmen, tão dignificante no nosso país e que neste momento é só o actual Campeão do Mundo de Cocktails, o que levou o Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares a agradecer muito recentemente em Belém, essa equipa. Refira-se ainda que este Barman de 31 anos, foi iniciado na hotelaria no «nosso» Hotel do Pinhal, há já 19 anos, na altura dirigido pelo nosso querido e saudoso Constantino Araújo, indo mais tarde assentar no Hotel Vermar, onde se foi aperfeiçoando e promovendo até chegar e desde 1987 a responsável pelos Bares deste Hotel. Um motivo de satisfação para nós fangueiros e grande alegria para o contemplado e sua família».

— Festas de Fão e do Senhor Bom Jesus. Estão a rolar. Há sempre um Chefe Miro a dar o corpo ao manifesto e a conglomerar um punhado de fangueiros que nas horas de «aflição» não dizem não. Vão sendo sempre os mesmos.

— É altura da Câmara e do Turismo participarem seriamente na feitura das festas. É que após a Páscoa, Fão já tem muitos turistas que vivem e convivem com os fangueiros e sobretudo com as noitadas de fado, marchas e fogos de artifício.

— O Senhor de Fão, não é em Agosto, não, é na vila velha mas Fão não é de votar ao abandono. Ou só querem os «votos»... do Senhor de Fão.

— Há quem não tenha concordado connosco, quando pedíamos um pouco mais de liberdade para a construção em Fão-Pinhal.

— Concordamos... não há dúvida! O pinhal não pode ser destruído! Há uma comissão de vigilância... etc., etc. Que precisamos de ar... que precisamos de sossego.

— Pois claro! Vamos viver de ar e vento.

— Mas então o que é que fazem ao pinhal pela calada da noite e até de dia?

— Cortar pinheiros nas «quintas» dos outros, não é uma militância do Ramalhão? quem canhotas vende e canhotas não têm...

— Desfazer a duna ou morro de areia no caminho dos Lários e da Bonança, na margem da estrada, não será pior crime?

— Se o Estado, o Turismo, a Câmara, a autarquia querem a preservação do «pulmão do conceito», por que razão não o vigiam?

— Há quantos anos, já não nasce um pinheiro? E quantos se tem roubado, sobretudo no Inverno?

— Conheço um país que, quando a autarquia não deixa construir, por considerar o terreno de interesse público, paga-o bem pago e depois coloca-o à disposição da população para o tal footing, jumping e tirapiking (leia-se à portuguesa).

— Continuo a pregar que há terreno para o tal pulmão e para construção — nem tanto ao mar nem tanto à terra —. Há que limitar as zonas de construção, estudando no local com arquitectos paisagistas, com urbanistas e não com outros — estas só são da família do Trem da cozinha. Estes só sabem de poleiro.

— Há que limitar, diminuindo as fracções de terreno para construções individuais ou aldeamentos, tipo da «Bonança». Colmeias, nunca. Torres, jamais. Espaços verdes envolventes, sim!

— Estamos condenados a ser uma terra onde a construção legal e indefe...rida — o r leia-se d —.

— Com a guerra das laranjas e azuis a lista de construção «indeferidas» aumentou.

— Há já quem lhe chame a guerra dos engenheiros...

— Vesgos não são. Mas mal informados ou deformados talvez...

— Assim não caçam votos. Caçam socos.

— Já que estamos em maré-baixa de construções — nunca esteve em alta ou preta — nem quando o malfadado orçamento era parido a tempos e horas — deixamos aqui esta pergunta.

— Quanto vai ser investido em Fão dos onze milhões de contos, do jogo do Casino?

— Só vão ser pagas as placas toponímicas? Esperemos que não.

— Oxalá a Sopete faça cá na Terra algum investimento porque da Câmara este ano, só umas migalhas, a que nos vamos habituando.

— As placas foram colocadas como prevíamos, nos respectivos lugares. Mas algumas só os «cegos» é que não percebem...

— Havia algo mais para badalar sobre «toponímica». Mas esperemos pelo próximo número, já que há mais placas na forja... de pedreiro.

— Alguns leitores do nosso Jornal querem ter uma opinião, desfavorável, nos Pontos de Vista.

Estamos abertos ao debate «Farpas», desde que seja para o bem-estar e progresso de Fão, sem magoar ou ferir pessoas.

— Nunca nos passou pela cabeça tal coisa. Não podemos confundir o cargo com o homem. Em-

bora nos Estados Unidos a vida privada seja motivo de denúncia para correr dos cargos públicos com indesejáveis. Mas isso é nos Estados Unidos que estão à séculos de distância... não é numa terrinha como a nossa que se julga logo a pessoa e não o cargo. Só pretendemos visar os cargos — encargos — descargos. Carnaval só no Carnaval.

— Mas também não aceitamos títulos de «arruaceiros» ou de querer «cargos».

— Se os quiséssemos... candidatar-nos-íamos. Mas temos uma profissão que vai dando para a sopa.

— É bom que não se confundam as pessoas e que em comícios à porta-fechada se sirvam da tal língua bifida para alcunhas de «arruaceiros» aqueles que ainda não têm um palmo de testa.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Há tão pouco tempo ainda das guloseimas do Natal e já a chegar às da Páscoa, quase não era preciso o nosso contributo para a subida do colesterol! Mas ainda assim ele aí vai, pelo não...

BIFES DE CEBOLA E TOMATE

Corta-se a carne em bifes finos, as cebolas e os tomates sem peles nem pevides.

Põe-se, numa caçarola com tampa, uma camada de rodela de cebola, outra de tomate, um bife (previamente bem untado dos dois lados com manteiga); por cima outra camada de rodela de cebola, outra de tomate e outro bife, etc.

Vai a lume brando, com a caçarola tapada, e não se mexe; agita-se de vez em quando a caçarola, até ficarem prontos.

BOLOS DE LIMÃO

Ovos — 1 (inteiro).

Açúcar — 3 colheres de sopa.

Farinha — 6 colheres de sopa.

Manteiga derretida — 1 colher de sopa.

Limão — sumo de 1 limão grande.

Mistura-se tudo, amassa-se muito bem com a mão, até ficar numa pasta, e formam-se os bolinhos, que vão ao forno em tabuleiro untado com manteiga.

E com os desejos de uma boa Páscoa e de uma boa subidinha do colesterol, despede-se, por hoje, a

TIA MARIQUINHAS.

ENTRE NÓS

— Chegou há dias do Brasil o nosso amigo Paulo Ribeiro Branco que já não aparecia em Fão há bastantes anos. Folgamos com a sua vinda.

— Também se encontra entre nós, devido à morte de sua mãe ocorrida em condições trágicas que são do conhecimento público, a nossa conterrânea Rosa Gageiro Fernandes.

— Esteve uns dias entre nós o nosso conterrâneo Manuel Leite que vive e trabalha no Brasil.

Há uns anos atrás o Manuel possuía uma grafonola nas Pedreiras e punha todo o mundo a dançar. Bons tempos. E de tal modo foi recordado que todas as famílias das Pedreiras o convidavam para jantar ou almoçar em suas casas. Bem estimado se sentiu.

Que volte breve.

SUBSERVIÊNCIA IDEOLÓGICA

Do gabinete do Presidente da Câmara de Esposende recebemos a nota que publicamos a seguir:

«No passado dia 2 do corrente o jornal «O Tempo», publicou sob o título «Ofensiva Laranja» notícia toda ela eleitoralista e conotada com a ideologia ou simpatia política do seu autor.

Pela projecção que tem a nível nacional deveria «O Tempo» ser um órgão de comunicação social sério e isento ou, pelo menos, permitir o direito à utilização das suas colunas a pessoas com a mesma idoneidade.

Ao afirmar publicamente que «a actual presidente da Câmara de Esposende, Laurentina Torres... abordou o social democrata, governador civil de Braga no sentido de este sondar o seu partido quanto à eventual disponibilidade do PSD para a aceitar como candidata em lista social democrata», demonstra este semanário pouca seriedade no tratamento das questões e a inexistência deontológica do jornalista que se refugiou, cobardemente, nas iniciais L.R.

Esperar-se-ia, pelo insólito noticiado, a confirmação do mesmo, ouvindo quer

o Governador Civil de Braga, quer a Presidente da Câmara de Esposende. Preferiu-se a mentira e o seu tratamento político, ao desbarato e sem dignidade profissional, de quem, ao escrever publicamente, deve ter em consideração a verdade e não a satisfação de determinada clientela ideológica.

Se querem a verdade, procurem-na. Competirá ao jornal diligenciar junto do Governador Civil de Braga da falsidade da notícia, na sua totalidade. Informação não pode ser sinónimo de subserviência política, nem muito menos oportunidade para denegrir a personalidade dos outros. Isso não é jornalismo, nem é digno de ser publicado num órgão de informação nacional.»

TRÊS FANGUEIROS ESPERTIOSOS

Era uma vez três fangueiros jovens, aventureiros que resolveram ir ao Porto em simples passeio. Isto passou-se há uns bons anos anos atrás. Meteram-se na camioneta e desembarcaram, passada a bora e meia da praxe, na Filipa de Lencastre, princípio da rua de Ceuta. E lá correram as capelinhas todas como bons provincianos que se prezavam de ser.

Ia o sol perto da linha do mar quando resolveram voltar à carreira. Bastava de va-diagem... Vinham os três muito bem dispostos quando, perto dos «escritórios», deram com um saco de plástico cheinho e apertado em cima, que se encontrava debaixo de uma árvore.

— *Morrão, quem deixou aquilo ali? — perguntou um deles, ao mesmo tempo que apontava para o saco.*

— *Ocarai! Vai buscá-lo, mói! — ripostou um outro.*

Então o mais corajoso do trio foi-se aproximando do súbito achado, acercou-se dele e, sorratamente, pegou no embrulho como se fosse seu há muito tempo.

Os outros dois foram-se «achegando», ocultaram o saco como puderam, aceleraram em direcção da camioneta e só descansaram e se aquietaram ao sentar-se nos bancos de trás. Então, fazendo um círculo muito cerrado, cabeças contra cabeças, cheios de curiosidade e com um certo «suspense», começaram a desatar o fio.

Afinal, aberto o saco, começaram a sair latas de plástico vazias, jornais velhos, cascas de laranjas, papéis, muitos papéis, restos de comida, um mundo de surpresas, é verdade, mas decepcionante.

Estava-se na fase pionetra dos sacos de plástico para guardar lixo e aqueles conterrâneos, albeios aos requintes civilizacionais da cidade, carregaram com um para a camioneta, pensando que levavam consigo o tesouro de Ali-Babá...

Querem saber os nomes? O dr. Carvalho que lhes conte...

AO CAIR DA FOLHA

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Outono! Estação de nostalgia, meditação e saudade.

Pode dizer-se que é a estação da reflexão, onde parece que o tempo parou. Mas resta-nos sempre a esperança de que a Primavera regressa sempre dentro de pouco tempo.

Há outro Outono ao qual a Primavera, não mais voltará! Isto pode aplicar-se às pessoas ou aos marcos da História.

Se, no caso das pessoas, não há alternativa, e portanto caminhamos irremediavelmente para o fim, os marcos da História, embora gastos pela acção do tempo, poderão perdurar por muitos séculos, se a humanidade os resguardar e os defender contra as alterações de que muitas vezes são alvo.

Há poucas semanas recebi a visita de um amigo e, como não podia deixar de ser, fui mostrar-lhe a terra à qual sempre me orgulhei de pertencer. Como roteiro obrigatório fomos até à praia e, em seguida, visitamos a capelinha da Senhora da Bonança.

Circundámos a pequenina ermida e as ruínas anexas, ou seja o velho Facho. Segundo os historiadores, foi mandado construir por D. João III no século XVI. Com tristeza contemplei a velha construção e o estado degradante em que se encontra. Num olhar pormenorizado é notório que o arco da fachada está a ceder em virtude da falta das bases.

Mantive o olhar fixo naquele braço e este mais me pareceu uma folha amarelecida pelo tempo, como que se chegasse o Outono para ela, e aguardasse os ventos de Inverno, para ser arrancada.

Não sei a quem acusar desta situação... Todos nós temos um pouco de culpa, uns por comodismo, outros por cobardia. Ninguém quer denunciar ninguém!

No meu entender, a Comissão de Turismo e o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Esposende têm uma palavra a dizer neste caso e também uma certa responsabilidade.

O povo de Fão assiste impassível ao arrancar das folhas da história da sua terra.

FALECIMENTOS

No mês passado faleceu em Leça Gastão Reduto, proprietário de um restaurante local.

Recordamos que Mr. Gaston viveu durante muitos anos em Fão pois trabalhou com Sousa Martins, tanto no Hotel de Ofir como no Hotel Suave Mar.

Era filho do tio Manel, aquele velhote simpático que nutria uma forte simpatia pelo C. F. de Fão.

Gastão Reduto foi efectivamente um dos mais antigos se não o mais antigo empregado do Hotel Ofir.

A sua Esposa os nossos sentimentos.

— No dia 4 de Março faleceu em Fão, no Lar da terceira Idade, o nosso conterrâneo Artur Vinhas.

Aos seus familiares apresentamos os nossos pêsames.

— No Hospital de Barcelos, para onde foi transferido depois de ter estado em Braga, após um acidente de viação de que foi vítima, faleceu o nosso conterrâneo Francisco Ramos Saraiva, morador na rua Serpa Pinto.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira dia 6 de Março.

A toda a família os nossos pêsames.

— No Brasil faleceu o nosso conterrâneo Manuel de Sousa Gaifem, vítima de doença incurável.

Encontrava-se naquele país irmão há 37 anos e teimava visitar a sua terra no próximo Verão.

À família enlutada os nossos pêsames.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá está a vossa página a desejar-vos uma Páscoa com muitas amêndoas e outras coisas boas, mas também com excelentes resultados escolares! Vamos lá trabalhar para isso?

ENTREVISTA

(Continua do número anterior)

Essa folha tem uma periodicidade estipulada e sai na medida em que sentimos necessidade que ela saia. Desde que consigamos armazenar alguma informação oportuna para os jovens.

O F.A.O.J. possui agora um programa designado «outra escola, novos amigos» que é um programa de intercâmbio cultural entre as escolas do norte a sul do nosso país.

Ent. — Que apoios concretos dá esta instituição às associações de estudantes?

M.B. — O F.A.O.J. apoiará em termos técnico e material todas as associações, desde que seja solicitado.

O programa para a associação de estudantes deverá ser enviado directamente ou através do F.A.O.J. para o gabinete do Ministro Adjunto e da Juventude. Portanto é este o apoio que damos a uma associação de estudantes.

Ent. — O sr. Delegado falou há pouco tempo nos centros de apoio à juventude. São designados por CAJ. Em Esposende funciona junto à Câmara. Qual ou quais as atribuições deste organismo?

M.B. — O CAJ de Esposende surge da sequência de um protocolo assinado entre o F.A.O.J. e a Câmara de Esposende. Este protocolo foi feito no sentido de que o F.A.O.J. se comprometia a enviar para lá toda a informação útil para os jovens como também enviar dossiers de informação nas mais diversas áreas, desde a formação profissional, passando pelo ensino, indo até à temática dos tempos livres e outros assuntos tais como a legislação, direitos e deveres dos jovens. Toda esta informação está arquivada em dossiers que são enviados ao CAJ. A Câmara, por seu lado, compromete-se a ceder e a equipar as instalações do CAJ. São uma criação recente por isso ainda pouco se pode exigir deles.

POEMA PARA O PAI

Pai:

Neste dia que é teu e de todos os pais,
estou inquieta e confusa.
Não sei que desenho ou palavras o caracterizarão.
Não sei
Só sei — ou imagino
que ser pai é ter um céu ladrilhado de sonhos,
um mar repleto de sentimentos,
um sol feito de afecto
e um campo de todas as cores,
um campo arco-íris,
que se estende até ao fundo das emoções.
É ter um bando de aves no coração,
É ver em tudo a beleza Natureza ao pôr-do-sol,
do que é simples e sempre igual.

MARTA (12 anos)

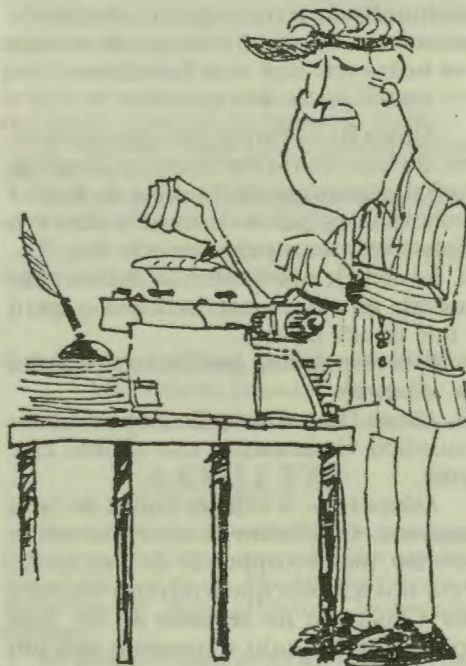
Ent. — Por falar no CAJ de Esposende, que a formação específica recebeu o pessoal que lá trabalha?

M.B. — Os jovens que lá trabalham tiveram uma formação orientada aqui pelo responsável do centro regional de informação para a juventude sob a coordenação da Dr.^a Manuela. Todos estes jovens que cá estiveram mantêm uma relação intensa com o F.A.O.J. no sentido de virem buscar toda a informação que interessa divulgar.

«CARTÃO JOVEM — VANTAGENS SÓ ECONÓMICAS?»

Ent. — Uma das primeiras acções do sr. Ministro da Juventude ainda como secretário de Estado, foi o «Cartão Jovem». Quais as principais vantagens da sua utilização? E porque é que a idade mínima da atribuição deste cartão passou dos catorze para os doze anos?

(Continua no próximo número)



Desenho de TIAGO JORGE OLIVEIRA

PAUSA PARA SORRIR

Numa aula de Biologia, a professora para o aluno que boceja ostensiva e repetidamente:

— «Menino, quando bocejar faça favor de pôr a mão em frente da boca, porque eu ensino o aparelho digestivo, mas não estou interessada em vê-lo!»

★

Num restaurante distinto, está a almoçar um indivíduo que, pela falta de boas maneiras destoa no ambiente: sorve a sopa ruidosamente, palita os dentes com as unhas, etc. A certa altura, chama o criado e impecável criado, em alta voz:

— «Ó rapaz, onde é que eu posso ir urinar?»

O criado aproxima-se, imperturbável, e, também em voz alta para ser ouvido pelos boquiabertos clientes, responde, muito calmo:

— «Vê aquele corredor? Na última porta à esquerda tem um letreiro que diz: CAVALHEIROS. Não faça caso e entre...»

★

Num café, o cliente vê o criado a limpar a chávena que lhe trazia com o lenço que tirou do bolso. Indignado, protesta:

— «Então está a limpar os bordos da chávena com o seu lenço???»

Amavelmente o criado responde:

— «Não se preocupe, senhor! O lenço já estava sujo...»

★

A empregada doméstica, recém-chegada da província, traz para a mesa a travessa com frango e batatas. Estranhando o cheiro daquele, a patroa interroga-a:

— «Josefa, não acha que o frango tem um cheiro esquisito?»

Responde a empregada:

— «É possível. Como a senhora me disse que queria o frango muito limpo, vai daí eu limpei-o com benzina. Se calhar é disso!»

POR QUANTO TEMPO?...

*Vêm-se crianças sorrindo
Com suas faces rosadas
De brincarem num jardim,
Num canto, ou numa lixeira...
Criança alegre mas triste,
Pois no seu rosto alegre
De seus olhos brotam lágrimas.
Existem crianças que sonham,
Não com um só pão.
A Humanidade não se importa
Com mais uma criança que morra.
Interessa-se, sim, por mais uma bomba que nasça!
Por quanto tempo assim pensarão?...*

ROSA DE PORCELANA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

O CASO DO PARQUE DO HOTEL DO PINHAL

CONCLUSÃO

Em «O Novo Fangeiro» de 10 de Outubro de 1988, a propósito do caso em epígrafe, fazíamos quatro perguntas que passamos a resumir para ajudar a memória do leitor:

a) Por que não aceitou o Eng. Losa *in limine* a demarcação das terras situadas entre o Hotel do Pinhal e o rio, inserta no Diário do Governo de 7 de Dezembro de 1957 - II série, n.º 285?

b) A segunda pergunta prende-se com limites bem definidos do referido terreno na altura da construção do Hotel e implicitamente com a posse da zona que se situa entre aquele e o rio.

c) A terceira relaciona-se com «aque-la rampa que fica no extremo nascente do Hotel, para além do muro que demarca os «bungalows».

d) Finalmente a quarta diz respeito à usucapião.

Aníbal Soares entendeu ripostar ao nosso escrito, fazendo-o de uma maneira prolixa, é verdade, mas nada convincente.

No número seguinte aparece um outro texto da autoria do arquitecto Júlio de Oliveira que fora «tocado» pelo artigo de Aníbal Soares. Além de reagir ao que lhe dizia específico respeito, aborda ainda a decantada delimitação que lhe parece viciada e faz a história da célebre rampa do lado da fábrica.

O proprietário do Hotel do Pinhal retorque e faz acompanhar a sua resposta do parecer elaborado pelo advogado administrativo dr. Gomes Alves a quem

a Câmara de Esposende consultara.

Estirbado em tal parecer, A.S. acaba por dizer que estão assim respondidas as quatro perguntas apresentadas pelo nosso jornal em Novembro de 1988.

Lembramos que as referidas perguntas foram por nós elaboradas e é a nós que compete dizer se foram encontradas ou não respostas adequadas para as mesmas.

Antes de o fazermos, porém entendemos pertinente revelar que muitos anos de amizade nos ligam a Aníbal Soares. Já foi assediado por mais do que uma vez para vender o seu hotel por confortável maquia mas insiste em manter-se à frente do Hotel do Pinhal que é um factor de engrandecimento da terra de Fão. É anunciante de «O Novo Fangeiro» desde a primeira hora e a nosso pedido encabeçou a lista para presidir aos destinos do C. F. de Fão.

Por sua vez, queremos afirmar que mantemos igualmente o melhor relacionamento com o arquitecto Júlio, último abencerragem dos cabouqueiros de Ofir, obra que verdadeiramente revolucionou a face da nossa terra como ainda revolucionou o turismo no Norte do País. Tem sido igualmente um bom amigo do nosso jornal e é ainda proprietário da Estalagem e Piscina do Rio que valorizam extraordinariamente o património turístico da terra.

Posto isto e apesar disto impõe-se que digamos que «O Novo Fangeiro» é uma instituição da terra a quem sobremodo interessa o desenvolvimento da mesma e o bem estar dos seus habitantes.

Vamos então aos quesitos:

Alínea B) — Parece-nos que os terrenos do lado do rio em frente ao Hotel do Pinhal pertencem de direito e de facto a Aníbal Soares. pelos vistos para além dos limites impostos pelo falecido Eng. Losa. É verdade que a referida delimitação poderia ter sido contestada mas o certo é que nunca o foi.

Está respondida *ipso facto* a pergunta da alínea a).

Alínea D) — usucapião. O parecer do causídico vimaranense não aborda este tema.

Alínea C) — A célebre rampa do lado nascente. O referido parecer não emite opinião, mas o Arquitecto dá uma ajuda. Veio-nos lembrar que o terreno vendido por Cupertino de Miranda ao dr. José Soares era limitado a nascente por um muro de 60 cm de altura que ainda está lá, agora aumentado devido à construção dos «bungalows». A rampa foi feita em terreno que nunca pertenceu ao Hotel. A aplicabilidade da usucapião a tal espaço, que devido à sua transformação em rampa passou a ser usufrutada pelo público, quando muito terá prejudicado a família Palmeira, de Braga, dona dos terrenos onde está esboçado um arremedo de campo de futebol.

A utilização de tal espaço por parte

de Aníbal Soares, quer para acesso ao parque automóvel, quer ao depósito de gás só pode entender-se a título precário.

De resto, fiel ao que escrevemos em tempos, continuamos a afirmar: «Em Fão, quem pretender edificar um hotel sazonal deveria conseguir o terreno de graça, se este fosse morto ou do domínio público».

Contra o parecer do muito apreciado Quim de Fão, cremos ser vital para o futuro da nossa terra que se construam mais um ou dois hotéis. A autarquia deveria cativar desde já o espaço necessário e oferecê-lo quase de mão beijada a quem aparecesse com sérias intenções. Devemos continuar Ofir.

AS «LÁGRIMAS» DA GUITARRA!

(Homenagem aos mestres da minha escola que já deixaram o nosso esquadrão.)

*Estás tão triste, Guitarra!
Choras porque fazes falta.
Morreu o teu «Zé da samarra»
já não delicias a Malta.*

*A Malta que tanto vibrou
ao ouvir o teu trinar,
e belas canções entoou
e não paravas de tocar.*

*De tocar em Lá Menor
românticos temas ao luar.
De tocar em Ré Maior
outras canções para amar.*

*Para amar te dedicaram
muitas serenatas outrora,
e fans, teus acordes escutaram
até ao romper da aurora.*

*Da aurora saías vaidosa,
tinhas cumprido o teu fado,
e sempre muito orgulhosa
descansavas em qualquer lado.*

*Em qualquer lado ou na escola
tinhas o teu namorado.
Também tua amiga Viola
enamoraava o vosso amado.*

*O vosso amado era o povo
que esperava, com agrado,
que se dissesse de novo:
— Silêncio! Vai-se cantar o Fado!*

*Cantar o fado era vida
e bom remédio pró transtorno,
hoje, jazes algures perdido
ou és objecto de adorno.*

*Objecto de adorno ou guitarra
choras porque fazes falta.
Morreu o teu «Zé Samarra»
já não delicias a Malta,
e a Malta agora é quem chora
porque sente a tua falta.*

CASANOVA 87/07/23



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escasos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terras. Jardins. Relvados. Piscinas. Tênis.

DE APÚLIA

ESTAÇÃO DOS C.T.T — Vamos brevemente abordar este assunto com alguma profundidade, pelo que ele representa de retrocesso para uma terra, que até já tem o foral de Vila.

Não se compreende o que se vem passando com a abertura ao público daqueles serviços, apenas da parte da tarde, mesmo nos meses de Verão. Entretanto, julgamos que a Junta de Freguesia já manifestou a sua estranheza pelo que se pretende impor a uma terra com cerca de cinco mil habitantes residentes, e com o dobro ou triplo nos meses de Verão, mas, parece, sem resultados práticos.

Será necessário citar os casos de outras terras, com menos população e menos frequência de veraneantes, que até estações dos C.T.T. e Telefone coloca nas suas pratas? Isto para além das suas Estações continuarem, e muito bem, abertas todo o dia.

Neste e noutros casos não podemos adormecer.

AMBULANTES — Aproxima-se a época de veraneio, e com ela, a não serem tomadas medidas enérgicas de defesa do comércio local, regularizando e regulamentando a venda ambulante na época alta do Verão, vamos assistir novamente à invasão massiva daqueles para quem Apúlia só existe dois meses em cada ano.

Urge tomar medidas atempadamente, para distribuir a actividade de ambulantes nas áreas da praia, onde o negócio atinge montantes elevados.

Cremos que as Autarquias, a local e concelbã, deviam chamar a si a regulamentação de medidas que defendam de alguma maneira, o comércio local, o de todo o ano, afinal daquele que ajuda as diversas realizações do meio, quer sejam desportivas, culturais ou religiosas.

FUTEBOL — No passado domingo, o Grupo Desportivo de Apúlia, empatou sem golos, o desafio com o Estrelas de Faro. Não obstante o desaire do domingo anterior (0x4) frente ao Anões, em casa deste, o nosso representante continua a fazer uma prova regular contrariando, afinal, todas as previsões, mesmo as mais optimistas. É conveniente recordar a forma tardia da inscrição do clube, já os outros, os adversários mais

directos disputavam jogos oficiais; o facto (importante) de ter de cumprir três jogos de interdição do seu campo, em Fão; a animosidade das equipas de arbitragem, bem patente em muitos desafios, resultante dos «casos» tristes e lamentáveis, ocorridos na época passada; o facto (importante, também) de os desafios que nos tocaram em casa, serem regra geral, disputados aos sábados ou domingos de manhã, talvez a pagar a factura para com as forças da ordem, que parece, não esquecer facilmente o ocorrido naquele dia de triste memória; a deserção de seis dos melhores jogadores da época passada, dois deles, nados e criados em Apúlia, para as fileiras de um adversário do concelbo. enfim, são muitos casos, casos a mais para uma só época, mas o Clube, quanto a nós bem dirigido, vai superando tudo e anda galbardamente nos lugares cimeiros.

Parabéns.

SOFIR

SOCIEDADE DE TURISMO DO OFIR, S.A.

OFIR — FÃO

Capital Social: 24.000.000\$00

Reg. Conservatória do Reg. Comercial de Esposende sob o n.º 25

Pessoa Colectiva n.º 500 271 283

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

Nos termos legais e estatutários são convocados os Srs. Accionistas da Sofir - Sociedade de Turismo do ofir, S.A., para se reunirem na sede social, no dia 31 de Março de 1989, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Discutir e deliberar, aprovando, rejeitando ou modificando, sobre o relatório de gestão do Conselho de Administração e balanço e contas do exercício de 1988, bem como sobre o parecer do Conselho Fiscal.
- 2) deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados.
- 3) Proceder à apreciação geral da Administração e Fiscalização da Sociedade.
- 4) Deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse para a Sociedade.

Esposende, 23 de fevereiro de 1989

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Alberto Ribeiro Cadilhe

ASSALTO

Aproveitando a ausência dos seus proprietários em Lisboa, desconhecidos assaltaram o quintal do dr. Rui Agonia Pereira e cerraram-lhe dois pinheiros levando-os consigo.

De salientar que a propriedade deste nosso conterrâneo está toda cercada de arame farpado o que tornou difícil aos assaltantes a sua entrada bem como a saída, mais a mais com dois pinheiros às costas. A rodear toda a moradia do dr. Rui estão terrenos onde as árvores medram a esmo.

O ano passado a residência do dr. Rui Agonia foi mais uma vez assaltada. Este nosso conterrâneo chamou a Judiciária do Porto que em pouco tempo descobriu os assaltantes.

Haverá alguma relação com os dois assaltos?

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA DENTÁRIA PREVENTIVA

Ofir 15, 16, 17, 18 de Março de 1989

Nos próximos dias 15, 16, 17, 18 de Março, realiza-se em Ofir, num hotel desta praia, o I Congresso de Medicina Dentária Preventiva.

É uma iniciativa do Departamento de Medicina Dentária Preventiva da Faculdade de Medicina Dentária do Porto e destaca-se pelo elevado nível científico de que se reveste. Para tal contribuem as individualidades nacionais e estrangeiras que estarão presentes.

Dos primeiros salientamos os representantes das academias do Porto, de Lisboa e de Coimbra. Dos convidados estrangeiros há que relevar a presença do Director da Divisão de saúde Oral da Organização Mundial de Saúde, Dr. David Barmes.

Algumas universidades estrangeiras estarão presentes por intermédio de seus prestigiados professores, tais como o Prof. Dr. Blas Noguero Rodríguez, da Universidade Complutense de Madrid, o Prof. Dr. Hamilton Belini da Universidade de Jundiaí, Brasil, o Prof. Dr. Per Gjermo, da Universidade de Oslo.

O Magnífico Reitor da Universidade do Porto estará presente na Abertura Solene do Congresso, bem como a Faculdade de Medicina Dentária do Porto e Escolas Superiores de Medicina Dentária de Lisboa e Coimbra, nas pessoas dos seus Presidentes, para além dos representantes do Governo e das Autarquias Locais.

Este Congresso é enriquecido por ter lugar numa região notável pelas suas condições naturais e qualidades turísticas como é o Alto-Minho.

Ofir constitui um cenário ideal para este acontecimento.

Cooperativa Cultural de Fão

A comissão nomeada para organizar uma Cooperativa na nossa terra tem trabalhado bem. Já conseguiu que lhe fosse cedida uma sala no edifício Amorim Campos e trabalha agora na elaboração dos estatutos.

No próximo dia 18, pelas 15 horas, haverá uma Assembleia exactamente para apresentação, discussão e votação dos Estatutos na nova sede (entrada pelo lado da Cantina).

Podem assistir as pessoas já inscritas e as que se queiram inscrever.

DOENTE

No Hospital de Fão foi submetida a uma intervenção cirúrgica a Prof.ª das nossas escolas, Maria dos Anjos Zão Barros Peixoto, esposa do nosso colaborador Dr. Joaquim Barros Peixoto.

A operação correu bem. Desejamos um pronto restabelecimento.

PARA FRANÇA

Em França, mais propriamente em Grenoble, encontra-se de visita a seus filhos o nosso amigo Zé Barbeiro, acompanhado de sua esposa. Foi por um mês, mas nem por isso o seu estabelecimento está desfreguesado pois o seu filho Fernando já o substitui muito bem.

Ao colaborador e bom amigo deste jornal apetece-nos umas férias bem passadas em companhia de todos os seus.

LongaVida



o que é bom da natureza

PARLAMENTARES EM ESPOSENDE

Por causa da poluição do Cávado

No dia 23 de Fevereiro estiveram neste concelho os deputados Carlos Lage (PS), Ilda Figueiredo (PC), António Ribeiro (PSD) e Maria Santos (P. Verdes) para verificarem *in loco* o problema da poluição do rio Cávado e que já no mês de Janeiro fez deslocar a S. Bento uma delegação de autarcas locais.

Aqueles parlamentares estiveram da parte da manhã na Casa da Cultura onde foram projectados *slides* e rodado um filme com incidência nos aspectos ecológicos. No écran o actual Presidente da Câmara de Barcelos a revelar ao jornalista entrevistador que muitas vezes industriais requerem autorização para abrir um simples barraco mas ele sabe de certeza que é para uma tinturaria e concede a respectiva licença.

Depois do almoço e após uma breve paragem num local da Ribeira onde vêm dar os resíduos inquinados de uma tinturaria local, aqueles deputados, acompanhados pela Presidente da Câmara, Presidente da Assembleia Municipal, Altamiro Marques, da Comissão do Meio Ambiente e alguns vereadores e autarcas ocuparam em Fão quatro barcos e subiram o rio acima. Ainda na nossa terra puderam verificar que a margem direita se encontrava acastanhada por acção de descargas poluentes provindas de uma tinturaria que pertence à Ofirtext.

No Caldeirão, Barca do Lago e Maranhão as águas continuavam sempre escuras, semelhando-se muito ao rio Ave. O barqueiro chama-nos a atenção de que em alguns sítios o rio não tinha sequer um metro de altura e mesmo assim não se via o fundo.

As embarcações fundearam em Pere-

lhal, junto ao sítio onde vem desaguar um cano que permanentemente despeja efluentes para as águas. Parecia o Mar Vermelho. E lembrarmo-nos nós que ainda há pouco numa sessão rotária de Esposende alguém dizia que a poluição do rio Cávado era meramente política. Política, uma ova!

Os deputados ficaram espantados com o que viam e Ilda Figueiredo ia comentando: «Só vendo se acredita nestas coisa. E Carlos Lage, irónico comentava: «mais que uma visita parlamentar, isto é uma visita para lamentar.

No barco que nos trouxe de volta a deputada Maria Santos concedeu-nos uma entrevista que tentaremos publicar no próximo número.



FUTEBOL EM CRISE

Vão mal as coisas do futebol. Vejamos os últimos resultados:

FÃO, 1 — RIBEIRÃO, 2
POUSA, 3 — FÃO, 1

No jogo com o Ribeirão houve mosquitos por cordas. Expulsões em barda. Chegaram a estar só em campo (de Fão) 7 jogadores. Depois os castigos.

Resultado: fomos a Pousa jogar só com um suplente que era guarda-redes. Campo interditado.

O C. F. de Fão ocupa actualmente o penúltimo lugar. Dizem-nos que a despromoção é inevitável.

Dizem-nos que os jogadores autóctones (leia-se de Fão) nunca revelaram tão pouco amor à terra de Fão. Muitos foram-se inscrever noutros clubes. Outros não aparecem aos treinos.

A Câmara por sua vez tem dado a sua ajuda para esta queda livre. Em Novembro levou a pouca luz do campo que havia. Os jogadores deixaram praticamente de treinar. Uns pequenos *footings* à terça, apenas.

Depois colocaram postos novos. Inconcebivelmente quase no meio do campo. Lá tiveram que os arrumar no sítio certo. Em Fevereiro chegaram os holofotes. Incrivelmente sem as respectivas braçadeiras. Agora tem sido uma telenovela a vinda das mesmas. Vêm hoje, vêm amanhã e nunca mais chegam.

Claro que isto tem os seus custos eleitorais. É preciso, no entanto, saber quem é que está a mangar com a gente.

Mas estamos convencidos que o trabalho e a dedicação dos actuais directores ainda vão ter a sua compensação. Fão não pode ser despromovido.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



Ao Mestre Henrique Medina

Artista genial - pintor Medina...
Um poeta de vez e de verdade,
A sua obra imensa nos fascina.
Pelo que tem de Universalidade.
Na sua exposição, ora patente
Na cidade que o viu nascer outrora,
Perante tal grandeza, toda a gente,
Louve obra tão vasta e encantadora.
São esses nós a merecer respeito
Que apreciamos na sua pintura,
Quadros tão lindos e de grande efeito...
Cenas da vida de Mãe Natureza.
E toda a variedade de pintura
De personagens élabres da história
Honra o artista que com mão segura,
A tela e os pinéis de fama ogleira.
Fora da sua terra onde pintou,
O Mestre do cravoica genial,
Com suas mãos e arte sempre honrou
A sua nobre Pátria - Portugal.

Fernando Marques de Almeida

(A OPORTUNIDADE DA EXPOSIÇÃO REALIZADA NO PALÁCIO DE BOLSÁ, NO PORTO, EM FEVEREIRO DE 1924)

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO PIMENTO

1) BOTÂNICA E FISIOLÓGIA

Esta planta anual e herbácea, com o nome botânica de «*Capsicum annuum*» pertence à família das Solanáceas.

O sistema radicular, muito sólido, alcança razoável profundidade. Quando cultivado em estufa, o pimento atinge alturas compreendidas entre 0,75 e 1,50 metros. Os

caules são relativamente frágeis, partindo-se com facilidade à mais pequena pressão. O fruto necessita de 15 a 20 dias desde a floração até que possa ser colhido em verde. Desde a plantação até ao início da colheita decorrem 70 a 90 dias.

2) EXIGÊNCIAS

Clima:

Quanto à sensibilidade em relação às baixas temperaturas o pimento situa-se entre o tomate e a beringela, ressentindo-se mais do que o primeiro e menos que o segundo. Para se conseguirem colheitas abundantes, a temperatura média mensal deve estar compreendida entre os 18° e 22° C. Com temperaturas inferiores às mencionadas paraliza e evolui muito lentamente o desenvolvimento das plantas.

O pimento exige que o ambiente de estufa esteja mais húmido do que para o tomate e a beringela. A humidade relativa óptima está compreendida entre os 50% e 70%.

É uma planta que necessita de boa luminosidade durante todo o seu ciclo mas sobretudo no decurso da floração.

3) SOLOS

Esta cultura prefere os solos arenosos. Os solos com elevada quantidade de argila não devem ser votados ao cultivo do pimento.

TEMPERATURAS CRÍTICAS PARA O PIMENTO:

Congelação da planta	1° C
Paragem do desenvolvimento	10° C
Desenvolvimento deficiente	15° C
Geminação: temp. mínima	13° C
temp. óptima	25° C
temp. máxima	40° C

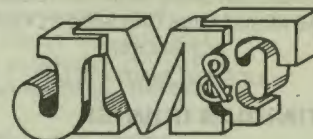
Desenvolvimento óptimo:

De dia	20° C a 25° C
De noite	16° C a 18° C

Floração:

Temp. máxima	18° C a 20° C
óptima	25° C
temp. mínima	35° C

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges 812199 BARCELOS

Nos solos com drenagem interna deficiente onde, portanto, se verifique uma elevada retenção de água, a cultura do pimento pode sofrer bastante devido não só à perda de elevado número de plantas por asfixia das raízes mas também à maior incidência de enfermidades.

Nos solos onde se procedeu à aplicação de uma camada superficial de areia o pimento pode fornecer boas produções desde que a sua cultura tenha lugar nos três primeiros anos a seguir à operação de recuperação do potencial produtivo do meio onde se desenvolve o sistema radicular.

O pH óptimo para esta cultura situa-se entre 6,5 e 7. No entanto, nos solos arenosos podem obter-se bons rendimentos mesmo com pH compreendido entre 7 e 8.

Quanto à salinidade do solo o pimento revela menor resistência do que o tomate. Nos solos salinos a planta fica definhada e forma frutos mais pequenos do que o normal.

4) ESTRUMAÇÃO

Esta planta exige estrumações abundantes. Verifica-se que a produtividade é tanto maior quanto maiores forem as incorporações de estrume no solo.

O estrume a utilizar para esta cultura deve estar bem curtido, visto que a incorporação de material fresco ou nas primeiras fases da decomposição apresenta o inconveniente de incrementar a proliferação dos agentes patogénicos cujo ciclo de vida decorre total ou parcialmente no solo.

Em solo arenado, a planta evidencia um exuberante desenvolvimento vegetativo sempre que a cultura tem lugar após uma operação de restauração da fertilidade, no decurso da qual, como já se referiu, se procede à aplicação de grandes quantidades de estrume. Se a cultura for realizada segundo as técnicas mais apropriadas, esse intenso



**BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!**

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL
{ - VERMELHAS: Asterix, Bartina,
{ Cleopatra
{ - AMARELAS: Berber, Concurrent,
{ Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
{ Van Gogh



DE Z.P.C.: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(continuado da pág. 9)



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

desenvolvimento foliar é acompanhado de alta produtividade. No entanto, deve notar-se que as estrumações maciças criam condições muito favoráveis para o aumento de intensidade dos ataques de «Fusarium».

5) ADUBAÇÃO

Nos solos em que se não aplicar uma camada superficial de areia, a adubação de fundo pode constar da incorporação seguinte, além da estrumação na quantidade mais indicada:

Nitromagnésio	30g/m ²
Superfosfato de cálcio	150g/m ²
Sulfato de potássio	50g/m ²

Nos solos arenados essa adubação pode-
rá constar de:

Nitromagnésio	20g/m ²
Superfosfato de cálcio	100g/m ²
Sulfato de potássio	40g/m ²

Se nas culturas efectuadas em solos arenados ou não, se realizar no decurso do verão uma poda de rejuvenescimento para a obtenção das colheitas no Outono é recomendável aplicar, na primeira rega após aquela operação, 25 a 30 g de nitrato de potássio (ou fertilizante azotado, sob a forma de nitrato) por cada metro quadrado de área cultivada. Esta quantidade de adubo pode voltar a ser aplicada rega sim rega não, até que se complete a colheita.

6) REGAS

Além de ser uma cultura exigente nos momentos em que a rega é necessária, o pimento necessita que a água se distribua no solo com bastante uniformidade.

Depois da plantação a rega não é conveniente enquanto a planta não formar a segunda cruz (segunda emissão de ramificações secundárias) nem tiver ainda frutos formados. Além disso, deve ser impedido o excesso de água no solo quando a planta esteja a entrar em floração. Caso contrário, grande

parte das flores poderá abortar e cair. Mais tarde, à medida que forem correndo as florações já não existe o risco da planta ficar sem frutos. Realmente, se por um lado os frutos já em desenvolvimento constituem um obstáculo ao crescimento excessivo da planta, por outro lado as variedades mais adequadas para a cultura em estufa são, em geral, muito floríferas.

Imediatamente após a conclusão da poda de rejuvenescimento realizada no Verão deve regar-se para criar condições favoráveis a uma rápida emissão de rebentos.

No caso de exigir o perigo de infecção pelo «Fusarium» as regas devem ser tão espaçadas quanto possível. Como é lógico, o intervalo e o número de regas dependerão do solo e da época em que a cultura tem lugar.

7) ROTAÇÕES

No estudo de uma rotação que inclua a cultura do pimento há que ter em consideração os aspectos seguintes:

— Só passados três anos esta planta deve voltar ao mesmo talhão.

— A planta é exigente em matéria orgânica.

— Nos solos arenados o pimento desenvolve-se bem quando cultivado em qualquer dos primeiros três anos após as operações de recuperação (rejuvenescimento). Não é recomendável a cultura quando já decorreram mais de três anos após a realização daquelas operações.

— O pimento dá boas produções quando é cultivado a seguir às culturas de feijão fava e ervilha.

— Pelo contrário deve evitar-se cultivá-lo depois do tomate, beringela, batata e abóbora.

8) VARIEDADES

Quanto às variedades de pimento destinados à cultura em estufa devem considerar-se diversos factores, entre os quais os seguintes:

— Tamanho da planta (em geral, a altura varia de 0,75 a 1,50 m)

TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS

SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO

SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS

ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS

MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS

PLÁSTICOS E PERSINTAS

TELAS E FIOS

MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE

eng.º t.º agr.º

MORADA:

TELEFONE:

Rua do Sul

(034) 32 12 91

Gafanha de Aquém

3830 ILHAVO

— Precocidade
— Forma do fruto (quadrangular, cónica e rectangular).

— Tamanho e peso do fruto (em geral, o peso situa-se entre 70 e 150 g)

— Côr do fruto maduro (vermelho e amarelo)

— Espessura da polpa (em geral, varia de 2,5 a 6 mm)

— Modo como o fruto cresce na planta (em algumas variedades cresce para cima e, em outras, para baixa)

— Resistência às doenças.

9) PREPARAÇÃO PARA A PLANTAÇÃO

Na estufa, o pimento pode ser plantado em sulcos paralelos separados de 75 cm uns dos outros. No entanto, este espaçamento é bastante reduzido em relação com o desenvolvimento vegetativo normal da cultura o que prejudica o arejamento e a iluminação provocando graves danos à própria cultura (entre os quais a quebra de muitos ramos e mesmo de plantas inteiras) e dificultando a execução dos trabalhos culturais e da colheita.

Para se evitar estes inconvenientes recomenda-se a plantação do pimento em linhas pareadas separadas por um corredor. Estas linhas paralelas ficam espaçadas 60 cm umas das outras. Entre cada duas linhas consecutivas é deixada uma passagem com 90 cm de largura.

10) PLANTAÇÃO

O pimento está em condições de ser plantado quando o caule atinge 10 a 12 cm de altura, as folhas são em número de 5 a 10 e o desenvolvimento vegetativo é evidente.

Não é conveniente proceder à plantação de pimentos já muito desenvolvidos visto que este procedimento pode originar caules ocos e provocar a queda das folhas. Do mesmo modo, o facto das primeiras fases do desenvolvimento desta planta decorrerem com muita lentidão faz com que não interesse utilizar para a plantação exemplares menores do que os indicados acima.

(Continua no próximo número)

estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Fertilizante mineral	
Nitrogénio (%)	20 a 20	- 33 unidades por gram	
Matéria orgânica (%)	50 a 70		
Azoto total (N) (%)	2,0 a 8	Elementos:	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	3 a 8	Cálcio - Ca, Magnésio - Mg	
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 3	Sódio - Na, Ferro - Fe,	
Carbono - C (%)	20 a 25	Cobre - Cu, Zinco - Zn,	
pH	6 a 7	Boro - B, Manganês - Mn	
C.º. 17 a 25			

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS

Est. N.º 2 MUNA - LÓRDOSA
Telef. 53286 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viseu 3500 VISEU

50kg KILOS

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

A CULPA DE TODOS NÓS

Pois é. Nem só os artistas de cinema — ou telenovela — e as pessoas importantes têm direito às honras de reportagem com fotografia nos jornais. E, a comprová-lo, o trabalho inserido no «Jornal de Notícias» de 23 de Fevereiro último, sobre a Celeste.

E quem é a Celeste? — A Celeste é uma «artista» involuntária que vive o seu papel no palco imenso da Vida.

A mãe, diabética e tuberculosa; o pai, alcoólico. Relacionada com esse alcoolismo paterno, a tendência mais ou menos profunda para desequilíbrios psíquicos de quase todos os filhos do casal. Só que na Celeste esse desequilíbrio foi desde cedo mais evidente e mais acentuado, enquadrando-a no estatuto de deficiente mental.

Levada ao médico entre os dois e os três anos, e verificada a sua insanidade, a mãe, sem recursos, pois o pai não dá para a casa (segundo expressão de um familiar), percorreu um longo caminho para a internar em estabelecimento hospitalar apropriado à sua deficiência. Em vão.

Nada tendo conseguido, além de um internamento esporádico, que cessou bruscamente, a «solução» encontrada pela família da Celeste foi a construção de uma jaula — com grades e tudo — no vão escuro e frio de uma escada, onde o sol passa de largo, sem entrar. Ali a aprisionaram. Ali vegeta — pois em semelhantes condições não se pode falar em viver — um ser humano, uma jovem hoje com dezassete anos!

Os pulsos e as mãos têm cicatrizes de mordeduras que inflige a si própria em momentos de maior desespero. Dizem os familiares que por vezes também ataca a mãe, quando esta lhe vai levar de comer. Relatam, ainda, que ela passa muito frio pois, além de nunca dar sol na jaula, está sempre descalça e rasga a roupa.

Não nos admiramos com estas atitudes. quem, por muito normal, até, que fosse, se passasse tantos anos nesta situação infra-humana, não teria as mesmas reacções primárias e desesperadas?

No entanto, quando, a pedido do repórter do «Jornal de Notícias», lhe foi aberta a porta da jaula e franqueada a saída, a Celeste não atacou ninguém. Limitou-se a correr pelo pátio até onde batia o sol, recebendo,

deliciada, o seu calor, e apanhou algumas molas de roupa e pequenas pedras, com as quais se pôs a brincar, feliz, gozando aqueles momentos de inesperada liberdade.

Mas a visita terminou. Levada de novo para a jaula, ainda tentou resistir; não conseguiu, porém, vencer a força dos que a arrastavam e, num gesto de infinito desalento, abriu as mãos e deixou cair as padritas com que brincara durante aquela fugaz trégua na sua terrível sorte.

Não julgamos. Não condenamos. Não nos cabe julgar nem condenar. De resto, todos nós, enquanto sociedade, somos um pouco culpados pela insensibilidade, pelo desinteresse, pela inércia que permite que aconteçam e se vão mantendo monstruosidades como esta.

E isso, sim, lamentamos profundamente que o álcool, consumido em excesso, tinja de sangue as nossas estradas, mergulhe na dor famílias inteiras e, para além disso, trace um destino cruel e imerecido a seres indefesos e inocentes que expiam, no sofrimento mais atroz, um crime que não foi seu.

E. REAL

VIDA POLÍTICA

Os partidos começam já a movimentar-se com vista às próximas eleições autárquicas. Numa das últimas semanas deslocou-se a Esposende o dr. Parcídio Sumavielle, coordenador distrital do Partido Socialista e actual Presidente da Câmara de Fafe para convidar o dr. Juvenal Silva a encabeçar a lista do mesmo partido à Câmara de Esposende.

O convite foi aceite. Em conversa que tivemos com este conhecido médico, constatamos que o seu objectivo não era meter um lugar do Partido Socialista na Câmara mas conseguir a própria Presidência da Câmara.

EMIGRANTE

Por DINIS DE VILARELHO

Porque sonhou outra vida,
Deixou a terra, o seu lar...
E na hora da partida
Não pôde a alma levar.

Uma árvore nascida
Num ambiente de aldeia,
Não pode ter outra vida,
Não se agarra à terra alheia.

E quando alguém a transplanta
P'ra longe do seu país,
Pouco ou nada ela adianta
Desde as folhas à raiz.

E se nela o rouxinol
Soltar ainda um trinado,
É com saudades do sol
Que havia longe deixado.

Pode lá longe cantar
Uma canção de verdade...
Toda a gente há-de notar
Uma canção de saudade.

Se muitos anos durar
A ausência do seu país...
Pode a ferida curar,
Mas jamais a cicatriz.

Gondomar, 4-2-88

DISTINÇÃO

À Panizende de que é gerente o nosso prezado assinante Samuel Vieira dos Santos foi concedido a Arco Europa-Estrela de Ouro Internacional à Qualidade, instituído pela Business INICIATIVE DIRECTIONS, como galardão de qualidade.

Felicitemos o amigo Samuel pela distinção feita à Empresa que superiormente dirige.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Marta
Tiago Jorge Oliveira
Rosa de Porcelana

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva


REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.



Calatrava
albergaria ★★★★★ 

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

NOVA GERÊNCIA

Da minha



varanda

por ZINHA

Hoje não venho ainda dizer que já chegou uma barraca para o Senhor de Fão, e que por sinal até nem é a do Sr. Domingos, sempre o primeiríssimo, de há vários anos a esta parte (até uma vez já cá passou o Natal...)

Venho falar ainda do Carnaval e só agora, porque ainda não tinha visto o filme.

Foi mais uma iniciativa da nossa Escola, à qual, pais, familiares e a comunidade dum maneira geral, procuraram corresponder, embora desta vez, faltassem as novelas para a insipiração... No entanto, e com «a nossa gente»

isso não constitui crise e outras personagens se encarnaram, e outras cenas se viveram e outros quadros se apresentaram, até com mais realismo, pois eram coisas nossas, coisas que nos tocavam.

As nossas crianças, bonitas, entusiasmadadas, disfarçadas de Índias, Charlots, Libelinhas, Floristas, Zorros ou Cobois, todas elas, procurando agrupar-se, conforme instruções anteriormente recebidas. Davam pulinhos de contentamento e os seus olhos miravam e remiravam o tractor, já todo preparado, onde corria o nosso rio Cávado tão pesado de sapatos velhos, meias-calças, sanitas, pedaços de triciclos e fogões! E como se isso não bastasse, lá estavam também as fábricas, os esgotos das fossas, etc., etc. Tudo bem representado, mas... elas queriam era ver as senhoras professoras que tardavam a sair. Pudera! se «reformadas» elas já estavam! E assim saíram na sua roupa «démodé», nos sapatos abertos à prova de calos, nas «pelerines» e «chapeis», à quem quer e não pode... Todas com dísticos nas costas, corridas pelos «computas» e pelos «Kapabaites» (e vão mesmo...). Mais duas, essas ainda crianças (querias?...) de bibe e cuequinha, pasta às costas, uma empunhando o Roberto e outra, puxando o Carneiro, que por acaso saíu ovelha, dado que o dito cujo se andava a portar mal e vai daí

não oferecia segurança para um tal desfile.

A tudo as crianças acharam graça (lá estão as suas composições a atestar) e, pelas ruas, havia muitas caras desconhecidas, gente de fora que nos brindou, vizinhos que nos aplaudiram.

Final, Fão, ainda mexe...

O bom tempo ajudou, a música, dizem, não se ouviu muito, faltou mais animação, mais barulho. Concordamos, mas a escola não pode fazer tudo e para o ano, se Deus quiser, que uma Comissão se encarregue desse por menor, por exemplo e até de outros, para que o Carnaval passe a ser (já o é talvez) cartaz da nossa terra.

Mas o Carnaval passou, a Quaresma entrou, e eis que outra actividade, de cariz bem diferente, preparam as senhoras professoras, pela primeira vez — a Comunhão Pascal das nossas crianças! Será no último dia de aulas, sexta-feira, 17 de Março, com uma Missa linda, com leituras, ofertório e cânticos tão ternos e tão simples (os ensaios já duram há duas semanas) e tudo feito pelas crianças, uma missa de crianças, mas para toda a gente.

Pretende-se que seja um dia diferente, um dia que fique, um dia que marque...

Oxalá se consiga!

CONVERSANDO...

por CECÍLIA DE PAIXÃO AMORIM

A AMBIÇÃO

O homem é um ser insatisfeito.

A ambição vive dentro dele, quase desde o seu nascento.

Embora passe por várias fases, conforme a idade e as circunstâncias, ele tem, em si, o desejo de possuir, sempre mais.

Muitas vezes esse sentimento leva-a a ter atitudes heroicas, abnegadas e elevadas, quando o alvo dessa ambição é ser útil à sociedade, fazer algo que vai beneficiar uma franja da sociedade mais desprotegidas, ou quando procura promover esforços para alcançar uma meta, onde terceiros são beneficiados. Essa ambição é aquela a que se pode chamar positiva.

Há, ainda, a ambição do aperfeiçoamento, também positiva: aquela que nos incita a sermos melhores, mais perfeitos, menos egoístas.

Estas são as características positivas da ambição.

Mas há também a parte negativa.

A que infelizmente, é mais corrente.

A ambição meramente pessoal, materialista e desmedida!

Há homens, hoje em dia, que vivem somente para a sua promoção individual: alcançarem grandes cargos, terem posições sociais e financeiras, sem olharem aos meios para alcançarem os seus fins.

Para esses, só há um pensamento: atinjam a sua meta. Não importam os meios. Os degraus que querem subir, são elevados, mas eles, têm que lá chegar, embora, tenham muitas vezes que atropelar amigos e conhe-

cidos. Há homens, que até a família sacrificam à sua ambição.

Há casos em que, para satisfazerem esse desejo, muitos se vendem, roubam e até matam!

A ambição desmedida, leva o homem à destruição. Destroí quem o rodeia e destroi-se a si mesmo.

Gastam a vida fechados num círculo onde não entram as belezas da vida!

Não tem tempo para gozar as pequenas coisas que estão à sua volta: as festas familiares, as pequenas alegrias diárias, o encanto da paz do lar, o encontro dos verdadeiros amigos, etc., etc.

Os seus pensamentos estão de tal ordem em que as pessoas obcecadas pela «ambição», não dão lugar às coisas do dia a dia.

Só que a vida passa e quando chega a velhice, constatam que não souberam viver a «vida». Passaram por ela, sem lhe saborear o doce gosto. Na boca, o travo amargo das lutas, das frustrações e muitas vezes da solidão, levam a concluir não ter valido a pena tanta batalha.

Feliz o homem que chega a velho, sem re-

morsos de ter prejudicado alguém, de ter perdido um amigo por ambição, de ter afastado a família, pela sua indiferença!

Que a ambição de todos os homens, novos e velhos, nos dias de hoje, seja para construir um mercado melhor.

Um mundo onde o amor, a paz, a compreensão, e a abnegação sejam o objectivo de cada ser humano.

Jesus, teve um plano ambicioso: salvar a humanidade, curá-la, amá-la mas nada pediu em troca, a não ser Amor.

ROOLS-BAR (Pub)

Fascina-nos muito a noite fangueira. Não é que sejamos noctívago. Gostamos de saber que em Fão custa um bocado a adormecer. Sobretudo às sextas e aos sábados. e no Verão, claro.

É por isso que rejubilamos quando se abre na terra um estabelecimento para servir à noite. Temos a Lareira. Havia o Bar-President. Este, porém, com duas salas muito aconchegadas, teve que fechar porque não o autorizavam a trabalhar até às tantas. Isto fazia-nos pensar. Numa terra predominante turística não autorizavam horários nocturnos. Vão ao Algarve e vejam como lá se faz turismo.

O certo é que os jovens fangueiros Luís Miguel Eiras Viana e seu irmão Juvenal, filhos do «Chefe» Miro adquiriram a «chave», fizeram uns pequenos arranjos e sobretudo substituíram-lhe o nome: de Bar-President passou para Rools-Bar (Pub) onde as pessoas podem passar umas boas horas com boa música e o ambiente certo.

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO